

70 anos da Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America: experiência de organização de trabalhadores da cultura e o vínculo com a contemporânea Rede de Escolas de Teatro e Vídeo Político Popular Nuestra América

70 years of the *Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America*: experience of organizing cultural workers and the link with the contemporary Network of Popular Political Theater and Video Schools Nuestra América

Simone Menezes da Rosa¹

Universidade de Brasília – UnB, Brasília/DF, Brasil

E-mail: sissi.rosa07@gmail.com

Rafael Litvin Villas Bôas²

Universidade de Brasília – UnB, Brasília/DF, Brasil

E-mail: rafaellvboas@gmail.com

O trabalho analisa, em perspectiva histórica, o significado e o legado da Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America, que reuniu artistas e coletivos latino-americanos entre os anos de 1972 e 1974. A reflexão sobre a Frente, 70 anos depois de seu início, é balizada pelo contexto em que se fazia presente no ambiente intelectual, político, cultural e econômico a consciência do subdesenvolvimento, como chave de interpretação da estrutura de dependência e subordinação ao centro, presente nos países da periferia do capitalismo, à luz da Dialética da Dependência. O artigo reflete o papel da cultura nos processos de transformação social e de organização para resistência aos golpes e implementação do ciclo de ditaduras na América Latina. Por fim, identifica limites e potencialidades que a experiência em análise aponta para os desafios presentes no campo da cultura política contra hegemônica, em especial do teatro político e popular, e apresenta a Rede de Escolas de Teatro e Vídeo Político e Popular Nuestra America como legado da experiência de organização e resistência decorrente da Frente Nuestra América da década de 1970.

The work analyzes, from a historical perspective, the meaning and legacy of the Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America, which brought together Latin American artists and collectives between 1972 and 1974. Reflection on the Frente, 70 years later from its inception, is guided by the context in which the awareness of underdevelopment was present in the intellectual, political, cultural and economic environment, as a key to interpreting the structure of dependence and subordination to the center, present in countries on the periphery of capitalism, in the light of the Dialectic of Dependence. The article reflects the role of culture in the processes of social transformation and organization to resist coups and implement the cycle of dictatorships in Latin America. Finally, it identifies limits and potentialities that the experience under analysis points to the challenges present in the field of counter-hegemonic political culture, especially political and popular theater, and presents the Network of Schools of Theater and Video Political and Popular Nuestra America as a legacy from the experience of organization and resistance resulting from the Frente Nuestra América of the 1970s.

Palavras-chave

Nuestra America. Teatro Político. Educação Popular. Consciência do Subdesenvolvimento. Rede. América Latina.

Keywords

Nuestra America. Political Theater. Popular Education. Consciousness of Underdevelopment. Network. Latin America.

1 Doutoranda em Artes Cênicas (PPGCEN/UnB); professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal, integra o grupo de pesquisa e programa de extensão Terra em Cena e a coordenação da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF.

2 Professor de Linguagens Artísticas e Ciências Sociais do campus de Planaltina da UnB. Atua nos programas de pós-graduação em Artes Cênicas e Mestrado Profissional em Artes do Instituto de Artes da UnB. Coordenador do grupo de pesquisa e programa de extensão Terra em Cena. Integra a coordenação da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF.

O desafio que enfrentamos neste trabalho é o de refletir de maneira articulada sobre a relação entre a consciência do subdesenvolvimento, como uma estrutura de dependência presente nos países da periferia do capitalismo, à luz da Dialética da Dependência (MARINI, 1973), e o processo de organização e resistência da Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra America* (PIANCA, 1990). Em que medida a análise teórica da realidade impulsiona as ações práticas no campo da cultura, e vice e versa? Como tais processos de organização para construção de uma alternativa contra hegemônica sofreram ataques e quais os mecanismos de resistência foram experimentados? De que forma as políticas de memória e esquecimento desse período influenciam, reverberam e instigam as ações na conjuntura atual? Estas são as questões enfrentadas neste trabalho.

Para tecer as reflexões tomamos como ponto de partida o ano de 2022. Marcado por quantidade incomum de eventos históricos marcantes e por efemérides que nos motivam a refletir sobre o passado e mirar o futuro. Além de um ano eleitoral, 2022 também foi o ano do bicentenário da Independência, do centenário da Semana de Arte Moderna e da fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Na capital do Brasil, a Universidade de Brasília comemorou o aniversário de 60 anos e o centenário de seu fundador, o antropólogo, escritor e político Darcy Ribeiro.

Dilatando a análise para o contexto latino-americano também encontramos marcos que estimulam a investigação: as mudanças na conjuntura política da região provocaram curiosidade quanto ao que poderá vir a ser um projeto de poder com governos de características progressistas na Argentina, com Alberto Fernández, desde 2019; Bolívia com Luis Arce a partir de 2020; no Peru em 2021 Pedro Castillos assume a presidência, mas foi deposto do cargo e Dina Boluarte, então vice-presidente, assumiu em 7 de dezembro de 2022 e enfrenta forte resistência popular devido ao uso abusivo da força para conter as manifestações que pedem a antecipação das eleições; Chile com Gabriel Boric, um ex-líder estudantil que comandou grandes manifestações antes de se tornar deputado e, na sequência, presidente, a partir de 2022; Colômbia com Gustavo Petro, em 2022, ex-guerrilheiro que conseguiu liderar uma coalizão de forças de centro-esquerda vitoriosa no rompimento do longo ciclo de governos conservadores; e Brasil, com a eleição do presidente Luis Inácio Lula da Silva, para terceiro mandato

diplomado em dezembro 2022.

Entretanto, apesar do entusiasmo pelas vitórias do campo progressista, expressas nas urnas, o desenrolar de tais governos sinalizam para os desafios presentes em nosso tempo: tais como a derrota na aprovação da nova constituição chilena, a condenação judicial da vice-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, a tentativa de golpe do primeiro presidente peruano filiado a um partido declaradamente marxista e leninista, Pedro Castillo, que levou ao seu afastamento do cargo³. São fatos que sinalizam para a presença de táticas de manutenção do “conflito de baixa intensidade”⁴ (PENIDO, STÉDILE; 2021) para reverberação do *status quo* de dependência da região ao capital internacional.

A questão, do ponto de vista dos trabalhadoras/es da cultura é: como incidir na conjuntura? Quais relações são proveitosas na dinâmica entre cultura e sociedade com vistas à potencialização de processos emancipatórios? Deparamo-nos com a constatação que, no ano de 2022, uma experiência de articulação internacionalista no campo da cultura completa 70 anos, a Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra America*. Com o intuito de refletir a partir de marcos temporais, também é importante

3 Tais exemplos de fatos, que colocam evidência nos desafios para a consolidação de processos democráticos autônomos na América Latina, possuem suas dinâmicas e complexidades internas. Não pretendemos aqui debitar a uma única causa, tão pouco negar as especificidades. Como o objetivo central deste ensaio não se debruça nesse assunto recomendamos tais análises do portal “Opera Mundi”: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/78104/vladimir-cerron-castillo-caiu-porque-o-peru-livre-e-a-populacao-o-viram-como-traidor> e <https://www.youtube.com/watch?v=FmssOs9bGFw> (Acessado em 12/12/2022).

4 Segundo Penido e Stédile (2021, p. 49-80) a dinâmica atual de manutenção da relação de poder imperialista norte-americana à região latino-americana se estabelece em novas dinâmicas que podem ser nomeadas como guerras híbridas ou, a depender do autor, guerras não convencionais, guerras assimétricas, guerras não tradicionais, conflitos de baixa intensidade, guerras intraestatais, pequenas guerras, guerras de quarta geração (4G); nesse contexto a região permanece subordinada aos interesses norte-americanos por um conjunto de táticas de forças regulares e irregulares que tornam o regime de exceção a regra por meio do coerção via opinião pública, com especial atenção às mídias sociais, capital financeiro e poder militar. Exemplo de estratégias são as *fake news* e o *lawfare*, que, em essência, significa utilizar a lei para atingir um objetivo militar.

lembrar dos 90 anos de nascimento de Ruy Mauro Marini, expoente do pensamento marxista e dialético da Teoria da Dependência. Marini desenvolveu seu pensamento, em grande parte, no exílio, especialmente no Chile e México, locais em que participou de redes de intelectuais latino-americanos. Encontrar os elos entre tais elaborações e experiências é um dos passos rumo à compreensão da totalidade do processo.

Na esfera teatral, nos colocamos as seguintes questões: é possível pensar a América Latina e o Brasil como um problema por meio do teatro? As contradições e dilemas nacionais e da região foram e são expressos pela dramaturgia e pelo trabalho de coletivos no decorrer da história do país e da América Latina? Para além do resultado expresso na dramaturgia dos coletivos, quais níveis de articulação entre os grupos são possíveis, na perspectiva de atuação de frente, enquanto trabalhadores da cultura? O teatro atuou ou pode atuar em perspectiva contra hegemônica? Tais questões, a nosso ver, demandam de análise que contemple a complexidade das mesmas por meio da articulação das esferas da cultura, economia e sociedade.

No cruzamento entre o pensamento social, cultural, político e econômico desenvolvido no Brasil ao longo do século XX debatemos tais pontos à luz da consciência do subdesenvolvimento e a presença e amadurecimento desse conceito na produção cultural da época. Antônio Cândido discorre no ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento” (1970) sobre o processo histórico que leva da “consciência amena do atraso”, paradigma com forte presença na intelectualidade até a geração de 1930 sustentado na ideologia de que o Brasil, bem como países latino-americanos, estariam na condição de “país novo”; para “consciência catastrófica do atraso” que corresponde à noção de “país subdesenvolvido” (1970, p. 142).

[...] até mais ou menos o decênio de 1930 predominava entre nós a noção de “país novo”, que ainda não pudera realizar-se, mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de “país subdesenvolvido”. Conforme a primeira perspectiva salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra (CÂNDIDO,

1970, p. 140).

Apesar da consciência do subdesenvolvimento ser desprovida da ideia de progresso como uma concepção linear e etapista, Antônio Cândido sistematiza que é uma concepção “agônica e leva à decisão de lutar, pois o traumatismo causado na consciência pela verificação de quanto o atraso é catastrófico suscita reformulações políticas” (1970, p. 142).

Encontro com *Nuestra America* e a consciência do subdesenvolvimento

A experiência da Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra America*, aconteceu no século XX mas, para compreender o conceito de *Nuestra America*, assimilado pelos/as integrantes da Frente, é importante fazer um pequeno pulo no século XIX, e trazer para memória duas ideias-chaves para a perspectiva de unidade latino-americana.

Primeiro, a ideia lançada por Simon Bolívar de “Pátria Grande”. Em pleno período de independência das colônias, especialmente da América Espanhola, Bolívar identifica a necessidade de uma organização continental para o enfrentamento das fraturas do processo colonial. Mesmo reconhecendo a diversidade de características existente entre os países que compunham o Novo Mundo, Bolívar lança como critério de unidade do território a formação deficitária de um Estado Nação, etapa fundamental para o processo de desenvolvimento no sistema capitalista. Nesse sentido, o conceito de Pátria Grande, no pensamento de Bolívar, aparece como um meio de fortalecimento da região. Ainda que este pensamento esteja atrelado a uma cosmovisão “etapista” do processo de desenvolvimento é embrionário para pensar um projeto de integração latino-americano.

Já na virada do século XIX para o século XX, em 1891, José Martí publica “*Nuestra America*”, obra em que defende um modelo de desenvolvimento alternativo ao que era imposto pela Europa Ocidental e a América do Norte, reconhecendo o papel imperialista exercido especialmente pelos Estados Unidos. Este modelo seria fruto do movimento de reconhecimento entre os povos latino-americanos na identificação da classe trabalhadora e originária como protagonista do processo de constituição de princípios republicanos revistos a partir da realidade

local.

Que as ideias absolutas, para não pecar por erros de forma, devem ser postas em formas relativas; que a liberdade, para ser viável, tem que ser sincera e plena; que, se a república não abre os braços a todos, morre a república. O tigre de dentro e o tigre de fora entram pelas frestas. O general faz parar a cavalaria à passagem dos infantes. Ou, se deixa para trás os infantes, o inimigo lhe envolve a cavalaria. Estratégia é política. Os povos devem viver criticando-se, porque a crítica é a saúde; mas com um só peito e uma só mente. Descer até os infelizes e levantá-los nos braços! Com o fogo do coração, degelar a América coagulada! Verter, fervendo e latejando nas veias, o sangue nativo do país! De pé, com o olhar alegre dos trabalhadores, saúdam-se, de um povo a outro, os novos homens americanos. Surgem os estadistas naturais do estudo direto da Natureza. Leem para aplicar, não para copiar. Os economistas estudam os problemas nas suas origens. Os oradores começam a ser sóbrios. Os dramaturgos levam à cena os personagens nativos. As academias discutem temas nossos. A poesia corta a cabeleira zorrillesca e pendura na árvore gloriosa o colete vermelho. A prosa, faiscante e depurada, está carregada de ideias. Os governadores, nas repúblicas de índios, aprendem a linguagem dos índios (MARTÍ, 1983, p. 200).

Tais correntes de pensamento do século XIX evidenciam um caráter romântico de percepção da realidade, que, ao mesmo tempo que mitifica alguns fatores, como das alianças para constituição de um povo soberano ou mesmo dos recursos naturais como fator preponderante para o desenvolvimento, também impulsiona o reconhecimento de elementos externos que confluem para condição de subdesenvolvimento da região.

Entendendo esses acúmulos como um processo, somos capazes de observar o percurso histórico que desencadeia as construções teóricas e da práxis da experiência em análise. Para nós, é fundamental saber que José Martí é um dos personagens mais relevantes para a Revolução Cubana, ponto de inflexão fundamental para a região. A Revolução que se instaura em 1959 tem início com características nacionalistas, mas, ainda nos primeiros anos da década de 1960, se assume como uma Revolução Socialista, aliando-se ao bloco encampado pela

União Soviética, em contexto de Guerra Fria. Fenômenos, como o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos à Cuba, foram fundamentais para a radicalização do processo revolucionário na ilha.

A partir desse contexto pós-revolucionário, um movimento de construção de novos paradigmas e, ao mesmo tempo, de enfrentamento a desafios históricos se coloca na ordem do dia. Primeiro, a consciência de que o atraso econômico e social não era uma etapa a ser progressivamente superada, mas sim o lugar que países subdesenvolvidos ocupavam no contexto global. Ou seja, a estrutura de dependência entre os países colonizados e suas matrizes foi a força motriz para o desenvolvimento das pujanças capitalistas desses países, o que destina um lugar muito específico para os países subdesenvolvidos na divisão internacional do trabalho: produtor de matéria primária para o regime de exportação a partir da exploração da mais valia local (MARINI, 1973).

É importante perceber que essa consciência do atraso e do subdesenvolvimento era partilhada também entre a classe artística e cultural da época que participava dos encontros e seminários promovidos pela Casa das Américas, em Cuba, conforme nos aponta Marina Pianca ao analisar tais experiências:

América Latina começou a ver com clareza que como exportadora de produtos primários, estava condenada ao retrocesso, a um comércio deficitário, e a ser sacrificada ao desenvolvimento dos centros industriais que controlam os mecanismos financeiros internacionais. Nesse sentido é importante lembrar que os movimentos de mudança social produzidos ao longo da nossa história não se deram simplesmente como reação à miséria e à estagnação econômica. Não se deram como produto direto das massas frente ao atraso, mas sim pelo amadurecimento de uma consciência do atraso (PIANCA, 1990, p. 36).

A consciência do atraso e do subdesenvolvimento como um lugar a ser ocupado dentro do sistema mundial e não mais como um estágio do processo de desenvolvimento linear é uma das questões principais para o reconhecimento do ponto de partida para a formação de uma unidade. Cabe ressaltar que a compreensão de unidade nesse contexto não deve ser interpretada como um mecanismo de homogeneização e apagamento das particularidades

e soberania dos povos. Pelo contrário, a unidade é um processo de organização a partir da compreensão do “inimigo comum” (PIANCA, 1990) para fortalecimento das iniciativas que levam à dilatação das fraturas na estrutura hegemônica de poder rumo à emancipação de tais povos. De maneira pragmática, o inimigo comum é o imperialismo pós-colonial que subordina os territórios periféricos à relação de dependência.

Diante de tal compreensão, a relação com os países africanos nas décadas de 1960 e 1970 que protagonizaram as lutas pela independência, bem como de países asiáticos que levaram a cabo o processo revolucionário, fez-se coerente e estratégica. O resultado foi a concretização de um bloco tricontinental entre América Latina, África e Ásia, conforme sinaliza Che Guevara em seu famoso *Discurso de Argel*, proferido em 1964, para o enfrentamento do modelo de desenvolvimento capitalista.

Sin embargo, el conjunto de medidas propuestas no se puede realizar unilateralmente. El desarrollo de los subdesarrollados debe costar a los países socialistas, de acuerdo. Pero también deben ponerse en tensión las fuerzas de los países subdesarrollados y tomar firmemente la ruta de la construcción de una sociedad nueva - póngasele el nombre que se le ponga - donde la máquina, instrumento de trabajo, no sea instrumento de explotación del hombre por el hombre (GUEVARA, 1964, p. 1).

Esse movimento de unidade se materializa no campo da economia, política, sociologia e também da cultura. O que está colocado é o entendimento que os padrões de dominação se dão de forma complexa e, por isso, devem ser enfrentados e recriados em todas as esferas que compõem a sociedade.

No movimento que levou à concretização da Frente de Trabalhadores da Cultura, a Casa das Américas de Cuba desempenhou papel fundamental na articulação de trabalhadores/as da cultura, coletivos e universidades que buscavam em suas produções a superação de uma forma teatral desconectada das questões do território. Impulsionados pela perspectiva de avanço em relação à ideia de “grande teatro em pequenas salas” (PIANCA, 1990, p. 59) e à procura do que chamavam de teatro popular latino-americano, os anos de 1960 até o início da década de 1970 foram marcados pelos Seminários Internacionais de Teatro Latino Americano. Tiveram origem nos encontros promovidos pela Casa

das Américas e também foram realizados em outros países da América Latina, a ponto de tomarem proporção mundial, em 1973. Tais movimentos são fundamentais para a estruturação da Frente enquanto estratégia de resistência e solidariedade.

Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America: antecedentes e estruturação

De maneira sucinta, a Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America poderia ser descrita como uma articulação entre artistas de diferentes países do território latino-americano que durou dos anos de 1972 até 1974. Seus principais expoentes foram Augusto Boal (Brasil), Atahualpa del Cioppo (Uruguai) e Enrique Buenaventura (Colômbia). Ansiavam por uma construção política e cultural de enfrentamento ao processo de mercantilização e subordinação da produção artística latino-americana em relação aos países imperialistas. Este enfrentamento aconteceria por meio da troca de experiências e dos processos coletivos de produção em teatro político e popular com a finalidade de alcançar a socialização dos meios de produção cultural à classe trabalhadora do campo e da cidade de diferentes contextos da América Latina e, assim, desenvolver uma forma teatral genuína e emancipada.

Apesar desta síntese, desta forma de narrar brevemente a experiência da Frente de Trabalhadores da Cultura, ser verdadeira, ela não é suficiente para esclarecer os motivos que levaram tais artistas e coletivos a buscarem essa organização estratégica. É necessário um mergulho mais profundo em relação ao contexto histórico, social, econômico, político e cultural da época para evitar uma leitura que tem como risco uma análise idealizada ou reducionista da experiência.

Se analisarmos a Frente apenas pelos seus três anos de existência formal, podemos chegar a uma compreensão limitada de sua relevância no campo da cultura política da região. Carece, nesse caso, de uma visão mais panorâmica do contexto pregresso a sua formalização, os processos de aproximação dos sujeitos e coletivos que a antecederam, os hiatos que levaram a necessidade da constituição desta Frente para assim analisar, a partir da conjuntura, os objetivos e estratégias expressos em seus comunicados. Com tais lentes colocadas, será possível tecer reflexões quanto ao desdobramento desta articulação e suas implicações na conjuntura atual.

Conforme refletido anteriormente, cabe olhar

para a década de 1960 considerando que o horizonte político permitia perceber como factível a guinada de processos revolucionários na América Latina. Conforme Pianca cita: “A fronteira da década que começa em 1960, uma fronteira de oportunidades e perigos desconhecidos, uma fronteira de esperanças e ameaças insatisfeitas” (PIANCA, 1990, p. 12 *apud* Castro e Kennedy)

A título de exemplo, aconteceu em 1959 a Revolução Cubana; em 1965, a Revolução na República Dominicana; em 1970, ocorreu o triunfo eleitoral de um projeto socialista no Chile; no Brasil, a atuação das Ligas Camponesas, dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPCs da UNE), e a formação de Movimentos Populares de Cultura, tal como o MCP, pressionavam o Estado para a realização das Reformas de Base⁵ (VILLAS BOAS, ESTEVAM, 2020).

Diante desse contexto, é possível observar as condições que desencadearam um produtivo processo de troca no cenário cultural. De maneira didática, Pianca propõe uma divisão do processo em dois períodos:

- Primeiro período (1959-1968) – momento de proliferação de grupos e coletivos de teatro, especialmente universitários e amadores, além de Festivais Nacionais que procuravam desenvolver um “Novo Teatro”, ligado às questões locais e à práxis social. Embora, nesse momento, não tivesse uma ampla integração dessas experiências, deu-se um processo de internalização de uma consciência colonizada (PIANCA, 1990, p. 59), causa da desvalorização das dramaturgias nacionais pela crítica hegemônica. Nesse período, a *Casa das Americas* faz uso de editoriais, concursos, encontros internacionais e festivais de teatro latino-americano para promover o intercâmbio entre tais experiências. Para Cuba, essa era parte do processo de fazer a revolução dentro da revolução. Para os países que não compartilhavam desse contexto, o saldo era de encontrar caminhos para acelerar o processo revolucionário considerando o teatro como meio de

5 Este processo foi interrompido em 1964 com o Golpe Militar que implantou a Ditadura no Brasil e se intensificou em 1968 com a oficialização do Ato Institucional nº 05.

comunicação e educação popular;

- Segundo período (1968-1974) – intensifica-se o processo de internacionalização por meio de Festivais Internacionais de Teatro Latino-americano como busca de um projeto transnacional. Os primeiros festivais com esse foco se deram em 1968. O Festival de Manizales, na Colômbia, ligado ao importante Festival de Nancy, França, e em Havana, Cuba, em 1968. Participaram coletivos como o Teatro de Arena (Brasil) e o El Galpón (Uruguai); além da socialização das experiências do Teatro Experimental de Cali – TEC (Colômbia). Em 1972, ocorreu o 1º Festival de Teatro Latino-Americano de Trabalhadores da Cultura, em Quito (Equador) e a Consolidação da *Frente Latinoamericana de Trabajadores de la Cultura*. No ano seguinte, 1973, a articulação ganha proporções mundiais no Festival de Manizales (Colômbia), marcado pelo seu extraordinário tamanho, onde ocorreu o 2º encontro da Frente e o lançamento de seus objetivos enquanto articulação. Em 1974, acontece o *V Festival de Los Teatro Chicanos* e o 3º encontro da Frente, na Cidade do México, em que radicalizam seus objetivos expressos no comunicado nº 03 de combate ao imperialismo cultural e decidem por alterar o nome da Frente para assim contemplar os anseios de unidade e internacionalização de países em subdesenvolvidos:

Trocar o nome de Frente Latino-americana de Trabalhadores da Cultura por Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra América*, considerando a necessidade de incluir grupos não latino-americanos (pontuamos o extraordinário aporte de grupos chicanos, índios, negros e anglos) que coincidem com os objetivos da Frente e lutam contra o inimigo comum (PIANCA, 1990, p. 355).

Esse breve levantamento ilustra a potência em relação à articulação da classe cultural do período, mas também sinaliza para o processo de desmonte dessas iniciativas. Ao mesmo tempo que um projeto revolucionário avançou, uma contraofensiva do capital internacional, em especial dos Estados Unidos, aliado às elites locais levaram a cabo um processo violento de golpes à soberania e à democracia dos

países latino-americanos, por meio de perseguições, assassinatos, torturas e exílios na implementação do ciclo de ditaduras na América Latina.

É possível medir o grau de potência de um processo pelo nível de violência que foi despendido para a contenção e o rompimento desse mesmo processo. Em uma linha histórica, em 1964, são instauradas as ditaduras militares na Bolívia e no Brasil; em 1973, são instauradas, no Uruguai e no Chile, com o assassinato de Salvador Allende; em 1974, é a vez da Argentina com o assassinato de Juan Domingo Perón.

Ou seja, a Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra America* já se formaliza em um contexto no qual o coletivo do Teatro de Arena sofria fortes perseguições. Em 1971, Boal é preso e torturado, o que o leva a deixar o país com destino à Argentina, tendo início um exílio que durou 15 anos. Os encontros da Frente se deram ao longo do processo de instauração de regimes de exceção. Em 1973, o coletivo *El Galpón* é impedido de viajar para o Festival de Manizales. Em 1976, Atahualpa del Cioppo se exilou em Cuba. Ainda que alguns países não tenham tido a implementação formal de ditaduras, como a Colômbia, estratégias de coerção ideológica foram utilizadas.

Esse contexto atribui à Frente um caráter de articulação para resistência, uma estratégia de fortalecimento e solidariedade desses sujeitos e coletivos. Ao mesmo tempo, é necessário analisar essa experiência a partir das condições muito limitadas de uma produção cultural, elencos desmobilizados e a necessidade de sobrevivência concreta frente à violência institucional, conforme é possível perceber ainda no comunicado de número 01 da Frente (1972):

Contra a imposição do imperialismo norte-americano que procura por todos os meios integrar a nossos países em um único sistema de economia dependente, nós necessitamos unificar todas as ações isoladas para transformar a cultura em um meio de emancipação para nossos povos. Necessitamos de uma unidade profunda para a defesa de nossa autêntica cultura e da mesma forma, de uma solidariedade férrea para a defesa dos trabalhadores da cultura perseguidos (PIANCA, 1990, p.349).

Se, por um lado, a Frente se consolidou a contrapelo de uma conjuntura violenta, onde seus/suas integrantes não contavam com condições míni-

mas de produção artística e tinham a própria sobrevivência ameaçada, por outro lado, o processo de fortalecimento da unidade de classe deste período possibilitou intercâmbios frutíferos no campo da cultura política de *Nuestra America*, o amadurecimento nos debates e o afinamento na percepção de quais pontos sustentam a exploração, ou a dinâmica de exploração colonial do ponto de vista estrutural, e que impactam diretamente na cultura.

Nos três comunicados que a Frente publicou, a mercantilização e a alienação da cultura aparecem como foco central da estrutura colonialista, mesmo que em formas sutis. A cadeia de consumo na crescente indústria cultural é o principal exemplo dessa tática, e formas violentas, como as censuras e repressões, respaldam a manutenção dessa estrutura. Além disso, demonstram ter clareza na relação complexa de sustentação desse sistema. Compreendem o latifúndio e a concentração de poder nas oligarquias como uma questão central para manutenção da estrutura colonial, o que leva ao saque das riquezas naturais e à exploração da mão de obra. Reconhecem, na crescente presença de multinacionais estrangeiras, a influência do capital internacional na política local. Nesse amálgama de fatores, afirmam que:

Uma rápida análise da situação cultural latino-americana nos mostra: o analfabetismo aumenta e sua existência representa uma manifestação da estrutura de poder vigente. A educação em todos os níveis é utilizada como um instrumento de entorpecimento da consciência crítica do homem (PIANCA, 1990, p. 347).

A educação e a socialização dos meios de produção cultural são pontos centrais para as saídas apresentadas pela Frente. Esses pontos foram sendo gestados nas experiências progressas à consolidação dessa unidade e tiveram continuidade em processos paralelos à Frente e em seus desdobramentos.

A socialização dos meios de produção cultural como meio para uma cultura política contra hegemônica

Néstor Canclini (CANCLINI, 1984, p. 155-172) faz um denso levantamento das experiências de socialização da arte na América Latina em meados do século XX e reconhece, no campo teatral, potentes

experiências que estão diretamente ligadas à Frente. Em especial, o Teatro Experimental de Cali (TEC) e as experiências desenvolvidas por Augusto Boal na Argentina e na Operação de Alfabetização Integral (Alfin), este último um importante programa desenvolvido pelo governo peruano no ano de 1973⁶.

Canclini observa que as tentativas de tais experiências estão vinculadas à desinstitucionalização do teatro como aparelho encerrado em salas que levam à fratura da relação entre palco e plateia. Os esforços de tais coletivos e experiências estão em reforçar os aspectos populares do teatro com objetivo de devolver a ação ao povo. Seja em dinâmicas de criação coletiva que buscam romper com a forma alienada de produção teatral, tal qual Enrique Buenaventura encampa no TEC; seja na radicalização da socialização dos meios de produção e na quebra da hierarquia entre artistas e público que Canclini reconhece no trabalho de Agitação e Propaganda, Teatro Invisível, Teatro Imagem e Teatro Fórum desenvolvidos por Augusto Boal. São experiências que, segundo a sistematização realizada por Boal, estão na categoria de Teatro do povo e para o povo, desenvolvidas no tripé entre a propaganda, didático e cultural (BOAL, 1972, p. 23).

Cabe questionar o quanto da articulação da Frente influencia e é influenciada pelo desenvolvimento de tais práticas de socialização dos meios de produção cultural. Ainda que não caiba a esse ensaio uma resposta conclusiva para essa e outras questões que apresentamos, o que podemos observar é que existia uma percepção comum entre artistas e coletivos latino-americanos vinculados/as à Frente de que o processo de emancipação somente se faria com mudanças na cultura política da região.

A noção de cultura política, definida por Patto Sá Motta como um conjunto que aglutina “valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa/constrói identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro” (2018, p. 114) nos ajuda a compreender a dimensão ampla que articula os campos sociais, econômicos, políticos e culturais presentes nos comunicados da Frente. A cultura política que se apresenta na pers-

pectiva da Frente é contra hegemônica, daí o caráter programático e didático das ações culturais e complementado pela comunicação como meio de ampliação do debate para a disputa das narrativas.

Os sujeitos imbricados no contexto de desenvolvimento da Frente tinham nitidez da importância de uma articulação como essa para sua necessidade no processo de alteração da cultura política. Partiam de uma importante chave de análise que vem da ideia de “Revolução Permanente” cunhada pela abordagem marxista e trotskista e presente no desenrolar da Revolução Cubana. As Brigadas de Alfabetização, que promoveram a interiorização de educadores de diversos campos em Cuba, além de operacionalizarem o conceito de Revolução Permanente, também levaram, segundo Pianca, à compreensão da necessidade de mudança da forma cultural para a ruptura com a ótica capitalista e solidificação dos novos paradigmas. Este foi um dos principais fatores de insuflação dos Seminários e Encontros promovidos pela Casa das Américas que fomentaram os encontros anteriores à formalização da Frente (PIANCA, 1990, p. 69).

Na confluência entre cultura e educação popular como método intencional de formação e organização para alteração da cultura política, encontramos um dos apontamentos mais potentes que a experiência da Frente deixa como legado. Os desafios que os governos progressistas enfrentam na América Latina para sua manutenção e avanços, dos quais citamos alguns deles vividos em 2022 no início deste texto, demonstram que a vitória via regime representativo é importante, mas insuficiente, carece de trabalho permanente, formação e diálogo para o estabelecimento de pressão popular.

Dialogar com o passado e lutar no presente

O saldo da experiência da Frente pode ser lido como derrotado se visto isolado do tempo histórico. Entretanto, na análise dilatada, a experiência da Frente nos aponta questões e motiva reflexões e questionamentos. Atualmente, existe um processo em curso chamado Rede *Nuestra America* de Escolas de Teatro e Vídeo Político e Popular. Desde 2017, essa Rede se forma à luz da experiência da Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra America*, mas entendendo que o método de formação de escolas nos territórios possibilita uma articulação mais perene entre os coletivos, escolas e universidades públicas, movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e

6 Augusto Boal (ANO) relata a experiência com a Operação Alfin no seu livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” e deixa evidente a importância desse processo para o desenvolvimento do Teatro do Oprimido, especialmente o Teatro Fórum.

o Levante Popular da Juventude (LPJ), que formam as redes locais das escolas. Em 2022, a Rede esteve composta por escolas no Rio de Janeiro, Distrito Federal, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Piauí, Alagoas, Jujuy (Argentina), Madri (Espanha).

A Rede *Nuestra America* é lançada como um mecanismo de articulação também no momento em que o território sofre uma série de destituições de governos eleitos (Paraguai em 2012, Brasil em 2016, Venezuela em 2019 e Bolívia em 2019) e aponta para uma experiência de resistência diante da conjuntura histórica do século XXI com a hegemonia do sistema neoliberal e a ofensiva conservadora. No ano de 2022, a Rede completou seus primeiros cinco anos de existência, com as escolas experimentando métodos, dinâmicas e recortes teóricos e epistemológicos diversos dentro dos campos do teatro e do vídeo político e popular⁷. Em grande parte, têm como horizonte comum a educação popular, a práxis e a ideia de articulação da cultura com o povo organizado.

Em 2022, as escolas brasileiras se reuniram virtualmente entre o primeiro e o segundo turno eleitoral para socializarem suas ações e debaterem sobre como poderiam incidir no debate público. Entendeu-se que a ação deverá ser permanente, pois, ainda que o projeto de extrema direita tenha sido derrotado nas urnas, as ideias fascistas e neofascistas permanecem disputando espaço.

Nesse sentido, a práxis da Rede é tributária de táticas desenvolvidas e experimentadas na experiência da Frente. Além da lógica de unidade e ações articuladas em diversos espaços encontramos na Agitação e Propaganda⁸ um método gregário e potente de luta.

As escolas do Distrito Federal, de São Paulo e de Minas Gerais atuaram juntamente com a Brigada de Agitação e Propaganda do MST, por meio de uma relação dialógica com troca de experiências e

métodos. A Escola do Rio de Janeiro⁹ e do Distrito Federal¹⁰ realizaram intervenções de Agitprop entre o primeiro e segundo turno eleitoral. As escolas de Minas Gerais¹¹ e Alagoas¹² realizaram ciclos formativos em teatro épico ao longo do ano. A escola de Santa Catarina desenvolveu uma dramaturgia nomeada “Esperançar” e circulou entre espaços de sindicatos e movimentos populares.

Ainda que a Rede se inspire na experiência da Frente, existem diferenças. A mais evidente é a forma de organização: enquanto a Frente se articulava por meio de encontros, comunicados e boletins, a Rede se organiza como escolas de atuação permanente nos territórios. Outro fator pragmático tem relação com as condições estruturais de nosso tempo: os encontros e reuniões entre as escolas são em sua maioria realizados de forma remota; fator que facilita os encontros, porém, ao mesmo tempo, não alcança níveis mais sutis na construção de relações e vínculos entre os/as integrantes. A Rede não sucumbiu ao ciclo de ofensiva conservadora dos golpes sofridos em países como o Brasil, mas, ao mesmo tempo, ainda não foi capaz de formular estratégias efetivas de atuação em rede, de caráter programático, e integrado, capaz de sinalizar aos trabalhadores da cultura dos diversos países da região uma alternativa articulada em rede, de atuação política e artística.

É necessário que os fenômenos e as experiências de cada tempo histórico sejam observados considerando seus contextos e dinâmicas particulares. A história vivida e contada pelos “derrotados” revela caminhos potentes e possui diversos saldos. Porquanto, a ação no presente demanda criatividade e experimentação para o enfrentamento

9 Parte da experiência da Escola do Rio de Janeiro está disponível no endereço: <https://www.instagram.com/escoladeteatropopular/> (acessado em 12/12/2022)

10 No blog do Coletivo Terra em Cena, está disponibilizada a cartilha sobre Agitprop produzida a partir da atuação da escola do Distrito Federal: <http://terraemcena.blogspot.com/> (acessado em 12/12/2022)

11 Na página do Coletivo Fuzuê é possível encontrar a memória de algumas ações da escola de Minas Gerais: <https://www.instagram.com/coletivofuzue/> (acessado em 20/12/2022)

12 Página da escola de Alagoas: <https://www.instagram.com/escolapopulardeteatro.al/> (acessado em 20/12/2022)

7 No canal do *youtube* da Rede, é possível acessar o ciclo de socialização das experiências das escolas realizado em 2020: <https://www.youtube.com/@rede-nuestraamerica3069/featured> (acessado em 12/12/2022)

8 A Agitação e Propaganda/ Agitprop foi desenvolvida no período Revolucionário da União Soviética e pode ser caracterizado como um “conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social” (Vía Campesina, 2007).

dos impasses de nosso tempo e o reconhecimento das condições objetivas que nos permitam um salto qualitativo no âmbito da organização da rede.

Referências

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOLÍVAR, Simón. *Carta de Jamaica*. 1815. 31 p. Versão em português https://issuu.com/embajada-venezuelaenbrasil/docs/jamaica_portugu_s_final (acessado em 20/12/2022)

CANCLINI, Nestor García. *A socialização da arte: Teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Editora Cultrix, 2ª edição, 1984.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento.

Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina. *Agitação e Propaganda no processo de transformação social*. São Paulo: 2007.

GUEVARA, Ernesto. Discurso de Argel. In: *Fragments del discurso en el Segundo Seminario Económico de Solidaridad Afroasiática*. Argélia, 1965. Disponível em: https://www.archivochile.com/América-latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_del_Che/escritosdelche0077.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: SADER, Emir. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTÍ, José. *Nossa América*. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.254p. p:194-201. (Texto original de 1891)

PATTO SÁ MOTTA, R. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 109 - 137, 2018. DOI: 10.5965/2175180310232018109. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018109>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PENIDO, Ana; STÉDILE, Miguel Enrique. *Ninguém regula a América: Guerras híbridas e intervenções*

estadunidenses na América Latina. 1.ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo : Expressão Popular, 2021.

PIANCA, Marina. *El Teatro de Nuestra America: un proyecto continental, 1959-1989*. Minneapolis: Institute for the Study of Ideologies and Literature, 1990.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; ESTEVAM, Douglas. Trabalho teatral latino-americano: pedagogias dissonantes em dois tempos históricos. *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020.

Recebido: 28/12/2022

Aceito: 23/02/2023

Aprovado para publicação: 10/03/2023

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.